



BOLETIM DO

INSTITUTO HISTÓRICO E CULTURAL DE ARCEBURGO

ANO XV – Nº 77 – JUNHO/JULHO/AGOSTO – 2021



CENTENÁRIO DA MORTE DO CAPITÃO MANOEL JOAQUIM DE ANDRADE

Da esquerda para a direita, começando pelas crianças: José Joaquim de Andrade (Juca); Antônio Joaquim de Andrade (Tonico); Gabriel Borges de Andrade (Bié); Joaquim Borges de Andrade; Manoel Joaquim de Andrade (Néca). Em pé é o português José Pires da Cruz e sentados estão o casal dona Ambrozina Cândida Borges e o capitão Manoel Joaquim de Andrade (Mané Português). "Circa de 1894".

MEUS PAIS

As primeiras lembranças que tenho de meus pais datam da casa que tínhamos no Pacaembu. Deveria eu ter entre 3 ou 4 anos. Era uma casa moderna para os padrões da época, onde moramos de 1936 a 1940, quando a família de meu pai mudou-se para Vila Mariana e para uma casa maior com grande quintal, dois aquários construídos de cimento, onde nadavam peixes vermelhos grandes e uma bela área para esportes. Situava-se à Rua Rodrigues Alves, 984. Lá ficamos, meus pais e os 4 filhos, de 1940 a 1958, ano em que nos mudamos, novamente, para uma casa – esta por ele construída – na Avenida Pinheiro Machado. Lá vivi meus primeiros tempos de casado com Ruth.

Papai era um imigrante português. Veio para cá em 1927 e nunca mais saiu do país. Metódico, trabalhador e autodidata abriu seus espaços na vida sozinho, sem apoios maiores.

Sempre tive especial admiração por meu pai, pois, para sustentar sua mãe, começou a trabalhar aos 10 anos de idade, tendo perdido um dedo na tipografia em que exercia suas funções até altas horas da noite. À época – meu pai nasceu em 1898 – não havia direitos trabalhistas, mesmo na Europa e jamais esqueceu aquela dura experiência.

Mais tarde, passou a viver na casa de seus novos empregadores, quando sua mãe teve que ser recolhida a um asilo. Logo conseguiu o reconhecimento deles, por sua disciplina, ordem e disposição em estudar sozinho, nas horas vagas.

Seus primeiros patrões mantinham uma loja em Braga, na Província do Minho, e a casa em que moravam ficava nos fundos da loja.

Acordava muito cedo, dirigia-se ao poço de onde tirava a água para todos os da casa e preparava-lhes o café.

Por ter aprendido o francês, só por leituras, seus patrões pediram que fosse professor de seus filhos, o que lhe propiciou uma grande amizade com todos os da família.

Quando em 2009, eu recebi a Cátedra Lloyd Braga, na Universidade do Minho, os filhos, netos e bisnetos dos Guimarães – era este o nome da família – estiveram presentes à cerimônia, oferecendo-me uma fotografia da loja em 1910, onde meu pai trabalhara. Os

filhos ainda se lembravam de meu pai dando-lhes aulas de francês e português.

Na cerimônia para receber o título de catedrático daquela Universidade, – título que a instituição outorga, uma vez por ano, a um professor universitário de fora de Portugal sendo eu o primeiro não europeu e o primeiro da área de Direito, na 9ª oferta da Cátedra na Universidade do Minho – emocionou-me ouvindo o reitor, na sua saudação à minha pessoa, dedicar

boa parte de seu discurso a luta de meu pai e a figura exemplar que representou para a cidade e para os emigrantes portugueses, que, à época, chegavam, em grande número, ao Brasil.

Meu pai amava e admirava a família, não só pelo carinho que tinha em relação aos filhos, mas pela disciplina, exigência que sempre demonstrou na difícil arte de educar, além do amor que sempre nutriu por minha mãe. Foram casados durante 66 anos, após terem namorado por mais 5. Quando mamãe morreu, no sepultamento disse poucas palavras, repetindo versos de Virginia Victorino “amor de meu amor, amor tão forte, que no dia em que sentir a sua morte, será bendita a hora em que morrer”. Sua morte, poucos dias antes de completar 102 anos (19 de maio de 2000), decorreu de uma queda em que, levado, de imediato, para o hospital e aberta sua cabeça duas horas depois da queda, constataram os médicos que não havia nada que fazer e que, em poucos dias faleceria. Sua hígidez era,

todavia, tão grande, que permaneceu 105 dias em coma (19/5).

O interessante é que se preparava para lançar, no dia 10 de fevereiro, em noite de autógrafos, o seu livro “Breviário da Meditação”. O acidente ocorreu 6 dias antes do lançamento. Quando li o livro, após a sua morte, impressionou-me a apresentação em que dizia que, desde a morte de minha mãe, seu maior desejo era estar com ela o mais rápido possível, pedindo a Deus, que o levasse para junto dela, todos os dias. A frase, em que descobri sua intenção, dizia ser sua oração diária idêntica à que Ana Maria Bach fazia, depois da morte de Jean Sebastian. Os biógrafos de Bach escreveram

“Sempre tive especial admiração por meu pai, pois, para sustentar sua mãe, começou a trabalhar aos 10 anos de idade, tendo perdido um dedo na tipografia em que exercia suas funções até altas horas da noite. À época – meu pai nasceu em 1898 – não havia direitos trabalhistas, mesmo na Europa e jamais esqueceu aquela dura experiência”.

que Ana Maria pedia que Deus a levasse para junto do marido.

Mamãe era uma mulher que gostava de ler romances. Conheceu meu pai quando, tendo ele vindo para o Brasil, aceitou ser representante de uma empresa francesa de óleos essenciais e produtos químicos aromáticos utilizados pela indústria de perfumaria, cosméticos e sabonetes. Nasceu em Vila Bonfim, hoje Bonfim Paulista e foi, ainda menina, morar em Ribeirão Preto, onde conheceu meu pai.

Contrabalaçava a disciplina e rigidez de papai com muito carinho, não poucas vezes escondendo as estripulias dos 4 filhos para que papai não os castigasse. Era um casal dedicado à família, com muito romantismo entre eles.

Papai escrevia muito. Seu primeiro livro publicado "Sabedoria e Felicidade", com prefácio de Menotti del Picchia, ocorreu aos 84 anos. Está, pois, no Guinness Book brasileiro por ter sido o autor que com mais idade começou sua carreira literária. Até morrer (102 anos) publicou 7 livros, demonstrando uma cultura invejável, como autodidata. Num dos livros, examina a obra completa de Bach (obra musical de Bach) e noutro (Saúde) mostrou como, com uma vida regrada e sadia, pode-se viver até os 100 anos.

Quando comemorou seus 100 anos, em um jantar em sua homenagem organizado por Ney Prado, ao qual estiveram presentes Octávio Frias pai e Ruy Mesquita, declamou a parte do Cardeal Português, da "Ceia dos Cardeais" de Júlio Dantas, de cor e com emoção. Foi aplaudidíssimo, Frias e Ruy não acreditaram em ver a memória e a forma emotiva de interpretação de meu pai.

Mamãe morreu antes que meu pai. Infelizmente com uma artrite genética não diagnosticada, foi tratada como insuficiência motora. Com problemas artríticos desde os 80 anos, começou a desenvolver o Mal de Alzheimer. Nos últimos anos, ficava todo o tempo numa poltrona ortopédica que movimentava seus músculos e lhe permitia uma

massagem permanente, como forma de poder ter um conforto maior. Com cuidados especiais e uma cuidadora permanente, ia da cama para a cadeira e da cadeira para a cama, mal reconhecendo marido e filhos, nada obstante todo o carinho que todos mostravam por ela, sempre a acariciando. Às vezes, lembrava-se de músicas que cantara quando jovem, para a alegria dos 4 filhos, do marido, noras e netos.

Creio que o exemplo familiar em muito me influenciou, nos meus 67 anos de casamento com Ruth e mais 5 de namoro, quando deixou-nos, partindo para a Casa do Pai, após ter sido contaminada pela Covid-19, apesar de todas as cautelas que tomávamos.

Hoje, Ruth é uma poderosa intercessora nossa junto à Santíssima Trindade.



Foto tirada na passagem do ano de 1999 para 2000. Estamos os quatro irmãos com o meu pai nascido em 1898, que comemorava neste dia ter visto três séculos. Da direita para esquerda: eu, João Carlos Martins, José Paulo Martins e José Eduardo Martins. Ao centro: meu pai, José da Silva Martins.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal - 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs-Paraná e RS, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO - SP; ex-Presidente da Academia Paulista de Letras-APL e do Instituto dos Advogados de São Paulo-IASP. É Sócio Honorífico do Instituto Histórico e Cultural de Arceburgo.

"Guarde bem suas lembranças, porque uma vida sem memória, é como um livro sem história pra contar". (Walter Arruda)

MEUS PAIS

As primeiras lembranças que tenho de meus pais datam da casa que tínhamos no Pacaembu. Deveria eu ter entre 3 ou 4 anos. Era uma casa moderna para os padrões da época, onde moramos de 1936 a 1940, quando a família de meu pai mudou-se para Vila Mariana e para uma casa maior com grande quintal, dois aquários construídos de cimento, onde nadavam peixes vermelhos grandes e uma bela área para esportes. Situava-se a Rua Rodrigues Alves, 984. La ficamos, meus pais e os 4 filhos, de 1940 a 1958, ano em que nos mudamos, novamente, para uma casa – esta por ele construída – na Avenida Pinheiro Machado. La vivi meus primeiros tempos de casado com Ruth.

Papai era um imigrante português. Veio para cá em 1927 e nunca mais saiu do país. Metódico, trabalhador e autodidata abriu seus espaços na vida sozinho, sem apoios maiores.

Sempre tive especial admiração por meu pai, pois, para sustentar sua mãe, começou a trabalhar aos 10 anos de idade, tendo perdido um dedo na tipografia em que exercia suas funções até altas horas da noite. À época – meu pai nasceu em 1898 direitos trabalhistas, mesmo na Europa e jamais esqueceu aquela dura experiência.

Mais tarde, passou a viver na casa de seus novos empregadores, quando sua mãe teve que ser recolhida a um asilo. Logo conseguiu o reconhecimento deles, por sua disciplina, ordem e disposição em estudar sozinho, nas horas vagas.

Seus primeiros patrões mantinham uma loja em Braga, na Província do Minho, e a casa em que moravam ficava nos fundos da loja.

Acordava muito cedo, dirigia-se ao poço de onde tirava a água para todos os da casa e preparava-lhes o café.

Por ter aprendido o francês, só por leituras, seus patrões pediram que fosse professor de seus filhos, o que lhe propiciou uma grande amizade com todos os da família.

Quando em 2009, eu recebi a Cátedra Lloyd Braga, na Universidade do Minho, os filhos, netos e bisnetos dos Guimaraes - era este o nome da família - estiveram presentes à cerimônia, oferecendo-me uma fotografia da loja em 1910, onde meu pai trabalhava. Os filhos ainda se lembravam de meu pai dando-lhes aulas de francês e português.

Na cerimônia para receber o título de catedrático daquela Universidade, - título que a instituição outorga, uma vez universitário de fora de Portugal sendo eu o primeiro não europeu e o primeiro da área de Direito, na 9ª oferta da Cátedra na Universidade do Minho ouvir o reitor, na sua saudação a minha pessoa, dedicar boa parte do seu discurso a luta de meu pai e a figura exemplar que representou para a cidade e para os emigrantes portugueses, que, a época, chegavam, em grande número, ao Brasil.

Meu pai amava e admirava a família, não só pelo carinho que tinha em relação aos filhos, mas pela disciplina, exigência que sempre demonstrou na difícil arte de educar, além do amor que sempre nutriu por minha mãe. Foram casados durante 66 anos, após terem namorado por mais 5. Quando mamãe morreu, no sepultamento disse poucas palavras, repelindo versos de Virginia Victorino *"amor de meu amor, amor tão forte, que no dia em que sentir a sua morte, será bendita a hora em que morrer"*. Sua morte, poucos dias antes de completar 102 anos (19 de maio de 2000), decorreu de uma queda em que, levado, de imediato, para o hospital e aberta sua cabeça duas horas depois da queda, constataram os médicos que não havia nada que fazer e que, em poucos dias faleceria. Sua hígidez era, todavia, tão grande, que permaneceu 105 dias em coma (19/5).

O interessante e que se preparava para lançar, no dia 10 de fevereiro, em noite de autógrafos, o seu livro "Breviário da Meditação". O acidente ocorreu 6 dias antes do lançamento. Quando li o livro, após a sua morte, impressionou-me a apresentação em que dizia que, desde a morte de minha mãe, seu maior desejo era estar com ela o mais rápido possível, pedindo a Deus, que o levasse para junto dela, todos os dias. A frase, em que descobri sua intenção, dizia ser sua oração diária idêntica a que Ana Maria Bach fazia, depois da morte de Jean Sebastian, Os biógrafos de Bach escreveram que Ana Maria pedia que Deus a levasse para junto do marido.

Mamãe era uma mulher que gostava de ler romances. Conheceu meu pai quando, tendo ele vindo para o Brasil, aceitou ser representante de uma empresa francesa de óleos essenciais e produtos químicos aromáticos utilizados pela indústria de perfumaria, cosméticos e sabonetes. Nasceu em Vila Bonfim, hoje Bonfim Paulista e foi, ainda menina, morar em Ribeirão Preto, onde conheceu meu pai.

Contrabalançava a disciplina e rigidez de papai com muito carinho. Onde não poucas vezes escondendo estripulias dos 4 filhos para que papai castigasse. Era um casal dedicado a família, com muito romantismo entre eles.

Papai escrevia muito. Seu primeiro livro publicado "Sabedoria e Felicidade", prefácio de Menotti dei Picchia, ocorreu aos 84 anos. Está, pois, no Guines Book brasileiro por ter sido o autor que com mais idade começou sua carreira literária. Até morrer (102 anos) publicou 7 livros, demonstrando uma cultura invejável, como autodidata. Num dos livros, examina a obra completa de Bach (obra musical de Bach) e noutro (Saúde) mostrou como, com uma vida regrada e sadia, pode-se viver até os 100 anos.

Quando comemorou seus 100 anos, em jantar em sua homenagem organizado por Ney Prado. Qual estiveram presentes Octavio Frias pai e Ruy Mesquita, declamou a parte do Cardeal Português, da "Ceia dos Cardeais" de Julio Dantas, de cor e com emoção. Foi aplaudidíssimo, Frias e Ruy não acreditaram em ver a memória e a forma emotiva de interpretação de meu pai.

Mamãe morreu antes que meu pai. Infelizmente com uma artrite genética não diagnosticada, foi tratada como insuficiência motora. Com problemas artríticos desde os 80 anos, começou a desenvolver o Mal de Alzheimer. Nos últimos anos, ficava todo o tempo numa poltrona ortopédica que movimentava seus músculos e lhe permitia uma massagem permanente, como forma de poder ter um conforto maior. Com cuidados especiais e uma cuidadora permanente, ia da cama para a cadeira e da cadeira para a cama, mal reconhecendo marido e filhos, nada obstante todo o carinho que todos mostravam por ela, sempre a acariciando. Às vezes, lembrava-se de músicas que cantara quando jovem, para alegria dos 4 filhos, do marido, noras e netos.

Creio que o exemplo familiar em muito me influenciou, nos meus 67 anos de casamento com Ruth e mais 5 de namoro, quando deixamos, partindo para a Casa do Pai, após ter sido contaminada pela Covid-19, apesar de todas as cautelas que tomávamos.

Hoje, Ruth e uma poderosa intercessora nossa junto a Santíssima Trindade.

"Guarde bem suas lembranças, porque uma vida sem memória, é como um livro sem história para contar" (Walter Arruda)